

Desterro, 14 de julho, 88.

Meu Criar

Escrevo-te desta cidade impossível, es-
túpida, humida de burrice, onde vim
passar dois dias. Fiquei muitíssimo
algre e satisfeito ao receber tua carta
de 25 do mez passado, na qual ainda
mais uma vez provas o quanto me
estimas. Senti-me illuminado, cheio
daquella luz suavissima e doce que todos
nós sentimos ao termos alguma cou-
sa que póse quilates de diamantes. Ella
entrou-me pela porta á dentro n'uma
hora de spleen, n'uma hora em que
todo o meu sistema nervoso recebia
a influencia divina de um conto de
Daudet, A ultima lição. Eu estava nos

Coqueiros, lá na minha casinha de cam-
po, toda alegre e cantante como um petit
chalet ideal, de fachadas de ouro massi-
ço, com rutilações de magníficos bri-
lhantes e perolas, dentro, nas salas bran-
quíssimas, de crystal e marmore. En-
de tarde. Pelas janelas abertas aos ares
oxigenados desse bello logar, via-se no
mar e nas murmuradas folhagens
das arvores, a tonalidade da luz do
ouro do sol. Cantavam passaros. Vi-
nham do lado do mórro, pelas verdu-
ras estradas de areia miúda, os carros
guinchando como enormes cigarros,
puchados por bonitos bois de ancas roliças,
carnudas, e ohar transbordante de docu-
ras na humildade sympathica do tra-

balho. Era de uma alegria ruidosa e cantoria dos roceiros que os guiavam, de guilhada aos hombros, com suas camisolas de baeta azul justas ao pescoço, e calças arregaçadas até meio das pernas mercuradas, e cobertas de um leve pelo suarento. Das bandas de lá da praça passavam rapazes vindos da venda, com seus grandes cigarros de palha atraz da orelha, espiando gargalhadas de aço e fallando á respeito das bellissimas e tradicionais fogueiras de São Pedro. Lá em baixo, assim na tenra vegetação, á sombra do espinheiro, andavam, acocoradas, umas quantas creanças á esca, de bodeque em punho, murmurando baixo con-

4

versações intimas. Quando reconheci, po-
rém, tua lettra, atirei-me de chofre á
carta e devorei-a com olhares anciosos,
com olhares de fira que tem entre ás
garras a victima das suas instinctos
brutales. Muito obrigado te fizes por tan-
ta prova de amizade, tanta prova que
nem posso saber! Não te mandei já
os meus Madrigaes por estarem, co-
mo sabes, em poder do poderosissimo
Varzea. Outra copia não posso arran-
jar-te, por achar-me bastante doente.
Mandar-te hei então a que está prompta
que é a segunda, logo assim que elle
realize o que prometteu dizer sobre o
livro. Tenho tambem para mandar-te
umas produções em versos, de um novo

livro que estou organisando de poesias,
 intitulado - Paizagens - em cujo der-
 ramio e esbato artisticamente toda
 luz do meu ideal pela natureza. Te-
 nho em vista reunir nesse livro todas
 as impressões sympathicas e adora-
 veis do campo. Por hoje te mando
 apenas estes contos, para vêres se, com
 a lente do teu extraordinarissimo
 talento, achas nelles algum clarão
 de idéa, alguma pinelada de
 estylo. São os primeiros que faço
 neste mundo de homens idiotas,
 lêmmas, sem espelho psychologico...
 Tu me entendes. Se não prestarem, não
 prestaram; pouco^o me importará. E
 se acontecer o contrario, apromptar-

me-hei então para estudar o Eça e o
 Varzea, e... mãos a uma troupe de...
 contos. Creio porém não ter jeito pa-
 ra isso, como tenho habilidade para
fazer alguns versos bem regulares, na
 phrase de um Tête-carrê cá da terra,
 ao encontrá-lo ~~o~~ na banca do peixe.
 Recibe um abraço meu, muito cá do
 coração e dá um aperto de mão no
 notabilíssimo Oscar Rosas. Adeus! Lem-
 bra-te sempre de mim. Adeus!

Teu Amigo
 Araújo Figueiredo

Da sua boca
vinham-me amorosos

meus e carinhosos
Até de lábios e mãos ondulantes
Sentos, como um acoirado de alegria

Como fômo
fômo em fômo
e as dentes como

pedacinhos iguais
e os dentes partidos

labios vermelho e
aveludado como
de fructo tropical - e

olhos cheios de incendio e ruído
labios uma fructo tropical em gômo

A primavera e como a formatura

No imaginário os leões que eu do
O leão do desejo e do sentir
quando mais ~~delicados~~ ^{resplandecidos} jardins floridos